

Certidão de Nascimento

Aos 31 dias do mês de janeiro de 1951... Mas, paremos aí... É muito formal. Digamos assim: aqui estamos! Bons dias minha gente! GANGA?!... Mas que é isso?!... Nossa gente costuma dizer CANGA... Mas, não é canga — é GANGA. Canga, é jugo de bois, aquela armação que se coloca no pescoço dos coitados; canga, é também aquele suplício chinês... Somos, pois GANGA — a matéria mineral que guarda, reveste e esconde os metais preciosos. Aqui, é vermelha, tem cor de sangue, abroquela os filões auríferos. Cuiabá nasceu da GANGA... Seus velhos auros, suas taipas legendárias, são de ganga.

GANGA, pois, é a rochagem e a carne de Cuiabá, dura, granítica e eterna...

GANGA simboliza o que, sem ser belo por fora, oculta, no fundo, as riquezas, os brilhos e as redenções secretas da energia e da coragem.

GANGA, assim se transforma numa caixa de surpresas, onde todos podem vir buscar as revelações do nosso espírito que pensa, ama e sente, no anseio perpétuo da glória e da perfeição.

GANGA deseja hospedar-se no coração de todos.

Que Deus nos ajude.

Escola Industrial de Cuiabá

Modestamente, sem ministério, constitui um grito, sem publicidade, vai exemplo, como poucos, a Escola Industrial de Cuiabá, cumprindo um empréstimo de tódas energias a um apostado que, parecendo de pouco, é, na verdade de todos. Atualmente está sendo construído o novo e monumental prédio da Escola; brèvemente os aprendizes terão mais comodidade e ambiente de trabalho mais salutar.

Dirige a Escola o Dr. Orlando Nigro, cuja dedicação ao seu elevado

Profecias de Eça de Queirós

Antonio de Arruda

Não há muito, verberou um jornalista nosso, o modo como Eça de Queirós analisara a proclamação da república brasileira, nos seus comentários mensais para a "Revista de Portugal", depois enfeixados na coletânea "Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas".

Ao articulista pareceu severa a crítica dèsses acontecimentos; doeu-lhe sobretudo o vaticínio sôbre a desagregação do país, que a república ensejaria, com a proliferação nas províncias, de outros tantos Deodoros da Fonseca. Esta página inspirou ao jornalista alguns reparos, ao escritor português, a quem chamou de mau profeta!

Nada pretendemos dizer acêrca dèsses reparos, que não é nosso propósito discutir o já discutidíssimo Eça de Queirós. Limitar-nos-emos tão sômente ao ponto focalizado, de ter sido êle mau profeta. Pensamos, ao contrário que à fôrça de observar o fato com notável percuciência, chegava às vezes a adquirir o dom divinatório.

Certo, no caso, Eça pareceu errar: o Brasil permaneceu coeso, e os futuros Deodoros da Fonseca não afivelaram as espadas, se de fato as tinham já armadas contra a integridade da pátria. Mas, impossível negar a justeza com que foram expostos os fatos. A implantação da república no Brasil é hoje história bém contada, como sabemos. Não assim, porem, no comêço, em que o episódio, se não causou "bestificação", no dizer de um dos corifeus do movimento, causou pelo menos espanto. Eça condenou os acontecimentos, e o fez com precisão, pois, as causas próximas e remotas que resumiu como responsáveis pela queda do império são ainda hoje repetidas pelos nossos

historiadores. E, se aprofundarmos ainda mais a questão, notaremos que êle não errou de todo, porque vimos os Estados, pelo menos em parte, transformarem-se em verdadeiras republiquetas às quais não faltaram às vezes os seus régulos com ou sem espadas...

Supôsto, porém, que o Eça se tenha enganado nesse caso, outras previsões há, na sua obra, que lhe tornam inadequado o epíteto de mau profeta.

Ocorre-nos, entre outras, a passagem de "Os Maias", em que se discute um passeio à Santa Olávia e em que o Eça recalcitrava, como adversário do campo, cuja tendência era ser destruído pela civilização; para o Eça o paraíso da terra consistiria em uma vasta cidade, tódas de casas, tódas de pedras com alguns bosquezinhos sagrados, onde se pudessem colher ramalhetes para o altar da Justiça...

"E o milho? A bela fruta? A hortaliçazinha? perguntava o Vilaça, rindo com malícia.

"Imaginava então o Vilaça, replicava o outro, que daqui a séculos ainda se comeriam hortaliças? O hábito dos vegetais era um resto de animalidade do homem. Com os tempos, o sêr civilizado e completo viria a alimentar-se unicamente de produtos artificiais em frasquinhos e em pílulas, feitos nos laboratórios do Estado..." (Os Maias, II, cap. 3º).

Como se vê, em menos de cinquenta anos, consumou-se a parte da profecia: os alimentos concentrados em pílulas são já há muito de uso corrente.

Ainda em "Os Maias", vê-se aquela idéia muito ridicularizada, que Carlos apresentara na "Gazeta Médica", a prevenção das epidemias pela inoculação dos vírus

Conclue na 6a página

Govêrno Federal—devem ser creditadas ao Dr. Orlando Nigro, a quem GANGA cumprimenta, como um dos legítimos benfeitores de nossa terra.

A Acadêmia em fóco

Em virtude das últimas eleições, para preenchimento das suas cadeiras vagas — nossa Academia de Letras passou a ser atacada, por um dos candidatos derrotados.

Não há razão para o ataque, especialmente nos termos em que foi feito.

A eleição foi limpa, e os resultados foram auspiciosos. Entraram para nossa casa de Letras, duas expressões consideráveis de nossa cultura: Antonio de Arruda e Lenine Póvoas.

O só enunciado desses nomes, bastaria para condenar a injustiça da critica.

Antonio de Arruda é magistrado, e além disso, um grande magistrado e exímio cultor das letras. Nada lhe falta, como homem, juiz e beletrista, para honrar a Academia. Como homem, é a simpatia e modéstia; a sabedoria e o equilíbrio, a simplicidade e a sedução duma personalidade recatada e sincera. Como juiz, é homem que todos nós reverenciamos, pela verticalidade do carater e pela pureza da sua erudição. Como intelectual, Antônio de Arruda é uma força criadora: sua literatura — de que temos mostra no ensaio — crônica sobre Maquiavelli — é uma mensagem viva de originalidade e censo de oportunidade. Estilo corrente, expressão despretenciosa, aprofundamento de problemas vitais: eis o inte-

lectual Antonio de Arruda.

De Lenine Póvoas, diremos apenas que é uma das mais vigorosas afirmações da nossa geração. Eleito deputado, seu trabalho foi sempre fecundo, no interesse dos nossas proplemas mais gritantes. Dedicando sua atenção aos temas de Geografia e História, em todos eles, Lenine se mostra um mestre avançado e uma inteligência volvida para às grades causas do conhecimento.

Há pouco tempo ouvimos seu trabalho sobre "ufanismo" e ficamos encantados com sua penetração exaltatória da brasilidade sadia e viril.

Daí a prova cegueira dos que condenaram apressadamente, os resultados das últimas eleições acadêmicas.

O certo é que a acadêmia está de parabens.

Está de parabens esse esplêndido José de Mesquita: alma e corpo da nossa Academia e decano da nossa cultura, cujo es-

forço e espirito de sacrificio ninguém pode empanar, sem cometer um crime.

Com as duas novas aquisições a Academia se enriqueceu ainda mais, e a cultura Matogrossense obteve merecida consagração.

Aos novos acadêmicos, bem como ao José de Mesquita, a GANGA leva seus mais calorosos cumprimentos.

cegos, tanta luz.

E de enlêvo em enlêvo, de desejo em desejo, chega a uma porta encardida, circundada por 2 janelas tortas.

Empurra e entra... Silêncio...

Apenas a velha tia, dorme numa cadeira de braços.

Uma vela ilumina parcamente o quarto, onde duas camas de ferro, uma cadeira e uma mesa, constituem a mobília.

Dois quartos e uma parenta velha:

é tudo que possui o pequenino...

A vela pisca, numa demonstração de sono...

Os poucos niqueis apurados, são contados e depositados numa gaveta.

O pequenino da a volta às chave e deita-se.

Está triste o pobrezinho.

Com que então aquele será a sua noite de Natal?!

No céu a lua vem andando, vem andando, e pára em cima mesmo de uma telha quebrada, projetando seus raios no rosto pálido do jornaleirinho. Que estranhos

Conclue noutro local

O eco é o telefone da natureza. — L. Riddendi.

O Natal do Jornaleirinho

Amalia Zizinha Veriangieri

Natal! Quem poderá descrever o misticismo estranho desta Noite abençoada?

Quem poderá dizer que sópro cálido nos aquece o coração, obrigando-nos a sorrir até aos desconhecidos, como se tudo nesta noite fôsse a nossos olhos, tão familiar como o nosso proprio lar! Que o diga o funcionário que, vindo do trabalho, diante de uma vitrine, para, enlevado, e esvasia os bolsos, pensando, com ingenuidade que conduz a loja para seus filhinhos... Que o diga o pequenino vendedor de jornais que, desde a tardinha, está trilhando, rua por rua, o cabelo em desalinho, a roupa esfarrapada e suja...

Onze horas sãoam, na velha catedral, e cada badalada é

como uma canção, prelúdio de uma peça esperada por todos...

É que, logo, haverá comida e músicas em muito lares e os sapatinhos dos meninos ricos encher-se-ão de presentes.

Apesar de avançada a noite, há um murmúrio, um regorgitar de pessoas que vão e vêm, de brinquedos que tilitam sem parar.

Como se diverte o pequeno jornaleiro!

Não lhe sobra nem um jornal, mas quão divertida, está a rua! E ele se détem a perscrutar, enlevado, os embulhos que vê desfilarem diante de si.

E ao passar por uma loja iluminada feéricamente os olhinhos apertam-se-lhes quase

ALFAIARIA CAPITÓLIO Linhos—Tropicais—Casimiras das melhores qualidades.
DE Souza & Pedroso Esmêro—bom gosto e finas confecções, V. S. encontrará na ALFAIATARIA CAPITÓLIO—uma das mais barateiras da Cidade.
Rua Ricardo Franco, 77 — CUIABÁ—Mt.

Organização Santa Terezinha Confeitaria
 — DE — Bar —
IRMÃOS BASTOS JORGE Restaurante
 Higiene — Fino trato — Conforto — Preços convidativos, V. S. sómente poderá encontrar fazendo uma visita à Organização Santa Terezinha
Praça da República CUIABÁ' Mt

um ideal o ideal do "belo". Mesmo o simples retrato propriamente dito, que apenas reproduz fisionomias ou paisagem, só é artístico na qual o que ele tem de abstrato, como as qualidades de "perfeição", "fidelidade" etc.

Apesar do caráter concreto do objeto de seu estudo, a História é considerada, ainda, como ciência. Os que defendem esta tese adotam diferentes pontos de vista. Em primeiro lugar vem os que afirmam a uniformidade da natureza humana. O homem, dizem eles, se bem que dependa do ambiente e das circunstâncias mais diversas, mesmo assim é fundamentalmente o mesmo, por toda a parte e em qualquer época. Entre estes podemos citar Neuschlosz. É fácil apontar exemplos em favor desta tese: a Bíblia, livro antiquíssimo, é, ainda hoje, muito lida, mais lida até do que antigamente; a filosofia de Platão é uma filosofia atual. Em troca, certas teorias contemporâneas, como a relatividade de Einstein e o existencialismo de Heidegger, parecem pertencer mais ao futuro que ao presente, pois do mesmo modo que nós só percebemos com nitidez os objetos, quando deles nos encontramos à certa distância, assim também no tempo, certos fatos complexos não podem ser compreendidos perfeitamente na época em que os mesmos se verificam inicialmente. É, pois, preciso dar tempo ao tempo; e aqui se vê a importância que assume a História como condição de aperfeiçoamento, desempenhando o papel de memória das coletividades (esta comparação entre História e memória foi tirada de Chailay).

Em seguida vemos outros que acham que a História é ciência, em virtude de uma dupla razão: 1º porque aspira à verdade; 2º porque na pesquisa da verdade utiliza método científico na sondagem da verdade histórica? Esta pergunta nos conduz ao segundo significado da palavra *História*, ou seja História como sucessão de fatos e não História

Um Conceito ...

(Conclusão da página 8)

como estudos dos mesmos. Nesse sentido, toda a realidade é histórica, pois tudo se passa no tempo e no tempo se modifica. Ora, o tempo tem três dimensões: o passado, o presente, e o futuro. Como só vivemos no presente, parece que só podemos conhecer o presente. Isto, contudo, não é exato, pois o presente está impregnado do passado. Na nossa consciência, o passado surge na forma de um passado presente, como se verifica na memória típica. Além disso, o passado se manifesta em nossos hábitos, e neste caso sem nenhuma referência temporal, pois um hábito é uma aptidão integrada em nossa própria natureza, confunde-se conosco. Quando criança o homem aprende a ler e a escrever. Quando adulto o mesmo homem sabe ler e escrever e no entanto o adulto não é mais a criança, pois houve uma transformação e houve aquisição de novo viver e novas experiências. A criança que ele foi existe ainda, mas integrada em sua nova vida, muito modificada, pois aquelas ações de ler e escrever que antes constituíam tarefas penosas como objetivos estranhos, a

atingir, hoje se revelam como interiores, como aptidões suas, aptidões que poderão ser aplicadas como meios na realização de outros objetivos.

Coisa semelhante ocorre na História dos grupos humanos. Foi Pascal quem comparou a evolução da humanidade com o desenvolvimento de uma pessoa no seu ciclo vital. Para esse filósofo, nós, os modernos é que somos antigos; Grécia e Roma representam a humanidade em sua infância (cita. de Félicien Chailay).

Nessa ordem de concepção, o fato histórico é suscetível de aperfeiçoamento. Deixou de ser uma coisa-em-si para tornar-se essencialmente relativo.

Um acontecimento não mais se concebe como isolado, mas como ligado a uma infinidade de outros acontecimentos e mesmo a todo o Universo. Este é uno, nós o sentimos. Logo se tudo está no Universo, a rigor não existem coisas, mas aspectos ou momentos do todo universal.

Esta nova aceção da História é adotada por notáveis vultos da filosofia contemporânea.

Humberto de Campos

(Conclusão da página 14)

até atingir a aspiração máxima da carreira literária a imortalidade acadêmica do *Petit Trianon*.

Durante bastantes anos ainda, as gerações que sucederem a nossa hão-de venerar com idêntico carinho a sua memória imperecível. Falecido há 16 anos, ainda permanece vivo entre nós porque os seus escritos, particularmente as suas apreciáveis crônicas conselheiras, trazem o selo das cousas perenes pela grandiosidade dos

conceitos de fundo moral, pela justeza de idealização dos assuntos e, sobretudo, pela beleza de sua linguagem, cristalina como as águas de um regato. Lêr um livro de crônicas humbertinas, v. g. "Os Párias", "Destinos", et coetera, é o mesmo que apreciar saboroso prato ou degustar o velho e fino vinho lusitano.

Dono de extensa bibliografia, tendo perlustrado todos os gêneros da literatura, foi Humberto de Campos, tal

qual seu amigo Coêlho Neto, protótipo do homem de letras, plúmivo no sentido rigoroso da expressão. Viveu da pena e para a pena. A sua atuação no domínio das letras vem desde o verdor dos anos quando então se tornou autodidata por imposição cruel do destino que o fez órfão de pai aos 6 anos de idade, época em que, mais do que nunca, é mister a assistência paternal na formação moral, cívica e intelectual do futuro cidadão. A provação passada pela família Véras frente às frágulas da vida, encontra-se consignada juntamente com outros fatos nobilitantes, na monumental obra — prima intitulada "Memórias", de máxima perfeição estilística. A sua nobre profissão de escritor foi exercida com sacerdócio, honrado sobremodo a classe dos profissionais da pena. Escreveu por vocação, daí a razão da marcha sempre ascensional na carreira abraçada.

Há que salientar, aqui, finalmente, com muita justiça a iniciativa feliz de "O Cruzeiro" que está propiciando aos leitores das variadas camadas sociais, o ensejo da leitura do "Diário" inédito de Humberto de Campos, genial cronista que nos deu a Atenas brasileira — o Maranhão.

ATENÇÃO

Aluga-se o prédio nº 473, sito na rua Cel. Pedro Celestino, com 8 dependências e um grande quintal arborizado. Os interessados deverão dirigir-se ao proprietário da casa nº 377, na mesma rua.

ADVOGADO: pianista da palavra. P.—Veron

A ÚNICA...

Conclusão da página 5

tudo nos indica que a miscigenação é prejudicial ao futuro da própria raça humana.

Se não fôsse pela sua apurada inteligência de prcurar conservar sua pureza racial, já antes da dispersão, quando face à face com o insolúvel problema da invasão dos Babilônios, Persas Gregos e Romanos—de há muito teriam os Judeus, coma raça, desaparecido da face do planeta. É verdade que existem alguns Judeus de pele amarela, mas isso não vem ao caso.

Ensinam-nos as ciências biológicas auxiliadas pela Genética, pela Paleontologia e por outras, que todo o ser vivente—animal ou vegetal—provém de um só tronco, de uma só célula primitiva comum. Foram as condições ambientes ou mesológicas e a luta pela vida que estabeleceram paulatinamente as diferenciações até às múltiplas formas de vida ag-existent ou sejam, os diversos tipos biológicos. É claro que se as poucas variedades individuais do início começassem a misturar-se entre si, voltariam todos à forma primitiva, á célula originária.

Consequentemente, se a humanidade começar a misturar-se da maneira indiscriminada e desordenada como o vem fazendo, principalmente nos últimos tempos, é insofismável que em vez de evolução sofreremos de involução. E dentro de alguns milhares de anos, em vez de homens, os apenas macacos o mundo passará a ser

habitado somente pelos primatas. Assim a escala evolutiva inverter-se-á e a regressividade iniciará a sua marcha. De símios passaremos a répteis, a peixes, a moluscos e a seres ainda mais inferiores. Para finalmente, depois de vários milhões de anos, voltarmos a ser simples protozoários, ou melhor, a simples célula genetriz primitiva.

Concordamos que isso é uma triste previsão, mas acontecerá fatalmente se não forem tomadas urgentes e drásticas providencias. Porque, a nosso ver, somente uma vantagem trará a involução a que acima aludimos. É que se todos formos apenas simples protozoários, deixará de haver guerra, no mundo. A não ser que passemos a fazer guerra com bombas vaporizantes de DDT. E não deixaria de ser deveras interessante ver bilhões de pequeninos **s e r e s** carregando enormes bombas (enormes em relação ao seu tamanho), dedetizando as microscópicas tropas inimigas.

Não duvidemos a respeito dessa previsão. Esperemos somente alguns milhões de anos e veremos.

Mas quem aponta o mal, deve indicar a terapeutica. Assim, para evitar que aconteça essa calamidade, isto é, o desaparecimento do homem da face da terra, pela involução, achamos que há um remédio bastante eficaz: mandar todos os amarelos para a China, todos os Pretos para a Africa, todos os Brancos para a Europa

Recordando...

..... E hoje, o que restasse amor? Nada, além de uma saudade.. Foi uma ilusão de criança, uma primeira afeição, uma recordação pura ... Hoje, eu o recordei: um ventinho frio que passa pelo meu rosto, esvoaçando o meu cabelo para trás, parecendo levar com êle os meus pensamentos, as minhas ilusões. Só resta agora a vontade de vê-lo, e mais uma vez, de longe que seja, sem, que não perceba; a vontade de

voltar a sonhar, de pensar que a vida é boa, que a felicidade foi feita também para mim ... Mas, como existe apenas a certeza de que nunca mais o verei, de que nunca mais voltarei a ser feliz, o que antes nunca preví, conformo-me em nunca mais tornar a vê-lo, em nunca mais pensar em felicidade.

E será sempre assim creio- sentirei uma saudade de você e lembrarei que
Conclue noutra local

O SAMBA

Rubens de Mendonça

A WALDEMIR DIAS PINO

Num escuro porão dum navio negreiro, que vai vagando ao léu de horrendo vendaval... Ao bater do tantã—nasce o som do primeiro samba lânguido e triste, ardente e sensual!...

Fundiram-se depois, em sólo brasileiro três raças numa só criando um ritual... Era o índio lascivo e o negro macumbeiro e do branco a saudade—então, fez-se imortal!..

Negro de pé no chão, batuqueia viril... Sapateia a invocar Xangô no seu lamento e essa estranha cadência atravessa o Brasil!...

Tem o samba, do negro—essa imensa tristeza.. Da indolência do índio—esse ritmo lento— e a saudade lhe deu a gente português!..

e todos os Vermelhos para as Américas. E construir enormes muralhas em torno dessas partes do mundo a fim de evitar-se que se misturem novamente. Cada tipo de cor de pele ficará em compartimentos estanques, separados. Não é assim que fazemos com a criação de galinhas ou com a de

qualquer outro animal de raça?

Nada de união de Brancos com Pretos, de Amarelos com Vermelhos. Só assim a humanidade salvar-se-á de um fim pouco digno de seres que atingiram o cume da escala biológica, altamente desenvolvidos moral e materialmente.

PROFECIAS DE EÇA...

Continuação da 1a. página

I, cap.VII). Sabemos que depois essa idéa, além de ridicularizada também em toda parte, quase deu lugar a uma revolução no Brasil, embora hoje a vacina, obrigatória em certos casos, não inspire pavor a mais ninguém.

Do mesmo modo, os "Estados Unidos da Europa" constituem hoje ideal apregoado por eminentes espíritos deste século, mas, já fora lembrado pelo velho poeta Alencar nos seus devaneios românticos (Os Maias, I, cap.VI).

É possível que algumas dessas idéias sejam reflexo de leitura que Eça aproveitara pondo na boca de seus personagens. Mas, a sua intuição profética demonstra-se principalmente com dois outros exemplos narrados por Fidelino de Figueiredo, nos apêndices II e III da sua "História da Literatura Realista".

O primeiro diz respeito ao estudo que Eça de Queirós fez de Guilherme II e que se acha na coletânea "Echos de Paris". Depois de analisar as mirabolantes variações com que se vinha apresentando ao mundo o "fidalgote de Brandeburgo", que se dizia aliado, quase sócio de Deus, para administrar os negócios terrestres, Eça advertia:— Se este "diletante da ação", para disfarçar o tédio, entender de experimentar os novos engenhos de morte, fará com que a Europa desperte um dia sob o fragor das batalhas, lançará o mundo na desolação e na ruína, para acabar enfim glorificado ou degradado em exílio anônimo. O príncipe estava então no início de seu reinado, e mais de vinte anos se-

paravam aquela época da catástrofe de 1914. Ao romper a guerra, o ensaio de Eça de Queirós correu mundo, traduzido em várias línguas. O próprio Guilherme II confessou mais tarde que, na hora do exílio, as palavras de Eça lhe ressoavam teimosas no cérebro conturbado...

O outro episódio é talvez mais impressionante. Entre os papeis de Eça de Queirós achou-se um conto hoje inserto no "Conde d'Abra-nhos"; encontrou-se também um esboço de romance, "A batalha de Cãia", de que Fidelino de Figueiredo chegou a duvidar, mas teve de render-se à evidência de uma carta a Ramalho Ortigão, publicada no volume "Novas cartas inéditas de Eça de Queirós".

Em ambos o assunto é um só, embora com diferença de pormenores: a invasão de Portugal. Aliás, este argumento deve ter preocupado muito o espírito de Eça de Queirós, tanto que em "Os Maias" ele ressurgiu e serve de tema a ruidosa discussão durante o jantar que o Ega oferecera ao Cohen (I, cap. VI). A moralidade do conto como a finalidade do romance frustrado seria a de reavivar pelo sofrimento o patriotismo do povo, e isto ficou evidente também no contexto citado de "Os Maias".

Não vem ao caso, porém, a análise das intenções do autor; vejamos apenas o que importa para a demonstração que temos em vista. Ao armar o cenário, num e noutro escrito, que deixou por acabar, Eça teve lampejos de gênio. A guerra seria desencadeada pela Alemanha, com a invasão dos

países vizinhos, tendo por objetivo o colosso britânico, que aceitou a luta, tal como vimos em 1939. Em Portugal, a ruína viria com a derrota em uma batalha na fronteira com a Hespanha. Em primeiro lugar, o pânico: paz a qualquer preço, como aconteceu ultimamente na França e em outros países enfraquecidos. Depois da subjugação, o despertar do povo, com a resistência contínua, formidável, em todas as camadas, e este belo exemplo também a última guerra nos proporcionou.

Entre outros pormenores, há uma coincidência interessante; o que mais indignava o protagonista do conto era uma sentinela rondando o Arsenal de Marinha, que ele mostrava aos filhos, incutindo-lhes a idéa de vingança contra o invasor; segundo salienta Fidelino de Figueiredo, o chefe da resistência francesa, em Paris, Bideaut, mostrava também aos filhos uma odiosa sentinela, com os mesmos propósitos, exatamente como no conto de Eça de Queirós.

Assim, num recanto de Newcastle, entretinha-se Eça a conjecturar sobre fatos que mais de 60 anos depois, nós outros estaríamos destinados a ver cumpridos.

Em face desses exemplos, parece que os artistas e os gênios se tornam, às vezes, intérpretes do futuro, como se um deus os guiasse nas suas previsões.

.....
LAR: caixão no qual cada qual fecha a própria família. — P. Veron.

MORRER DE...

Continuação da pagina 9

po de sua companheira, para não mais erguer-se...

Naquele dia o sino repicou fidados, anunciando duas mortes, pois um não podia viver sem o outro...

Unidos, para a vida e para a morte, aquelas duas criaturas partiram talvez para o céu, pois souberam amar verdadeiramente.

Noivado

João Antonio e Maria Teresa

Prometeram-se em casamento, no dia 10 do corrente, o nosso ilustre beletista, Dr. João Antônio Néto, egrégio Consultor Geral do Estado, e a prendada Senhorinha Maria Tereza Garcia, fino ornamento da elite social cuiabana; o primeiro, filho do Sr. Pedro Antunes de Souza e de d. Inezila Antunes Pimentel; a segunda, filha do Sr. João da Costa Garcia Filho e de d. Maria Josefina Mendes Garcia que, comemorando tão auspicioso noivado, ofereceram aos seus amigos uma lauta mesa de doces em sua residência. Para cumprimentar os distintos noivos, Ganga envia-lhes os mais fervorosos votos de felicidades, extensivos às suas respectivas famílias.

Gruta Baiana

Se lhe doi sua cabeça, Na Rua Ricardo Franco,
 Por haver perdido o prélio, Ele está sempre bacana...
 Lembre sempre - não se esqueça Sai preto o cabelo branco,
 Do Bar famoso do Aurelio. Da boa GRUTA BAIANA

GRUTA BAIANA é de fato,
 A melhor da Capital,
 Tudo é gostoso e barato
 E o Aurélio é mesmo o TAL

PAPELARIA E LIVRARIA SANTA TEREZINHA

—DE—

R. CARVALHO & CIA

Praça da Republica, n. 162

Avisa aos seus distintos fregueses que recebeu um grande estoque de: Relógios das melhores qualidades — Livros dos mais conceituados autores nacionais e estrangeiros — Perfumes finos — Material elétrico e de escritório e grande quantidade de artigos para presente.

NATAL DO...

(Continuação)

animariam aquela mente de criança?

Que desejos contidos, em purrados dormitavam no subconsciente daquela cabecinha?

Nem a lua intrometida o saberia.

Avelha murmurou qualquer coisa, apagou a vela e o pequenino ainda viu o ranger da cama sob aquêle corpo.

Depois... Oh, que ar leve o desta noite! Como tudo é diferente e bonito

Sentado na soleira da porta, o pequenino mal se domina de emoção.

Algo estranho se passava no seu sêr.

Era como se os seus órgãos se revolvessem, avisando-o de uma surpresa.

Um barulho esquesito fê-lo erguer a vista, e o que viu, então, deixou-o maravilhado...

Lembrou-se de que era Natal, quando ouviu o bimbalar dos sinos.

Um clarão iluminou o céu e as nuvens se abriram em flocos alvos como algodão. E um espetáculo nunca visto desfilou ante os olhos espantados do nosso herói.

Um velho gordo e barbudo apareceu nas nuvens, e desceu puxando por um cordão, um carro enorme, carregado de brinquedos.

A medida que descia, o cordão se esticava, até que se rompeu inteiramente.

O menino reconheceu então Papai Noel e seu carro voador.

No começo da rua o velhinho se instalou com sua vasta bagagem e sorridente, deu início á distribuição dos brindes.

Uma bicicleta foi retirada, e colocada por Papai Noel na chaminé do comendador.

O pequenino olhava admirado. Positivamente, era mágico o tal Papai Noel!

Como tudo lhe era fácil! E nem um só ruído. Era como se nada estivesse acontecendo.

Um mundo de brinquedos foi retirado do carro.

Bolas, caminhões, carrinhos, bonecas em profusão.

O pequenino sentiu-se triste,

Papai Noel não chegara a sua casa e talvez nem o fizesse.

Não era ela, daquele quarteirão, a única velha, esburacada e suja? Mas, eis que o bom velho retira qualquer coisa do carro e caminha em direção à casa do pequeno.

E êle se arrepende do máu juízo que fizera do velhinho.

Atenta para as mãos do Papai Noel, contudo, treme.

e a correr enfia-se sob as cobertas.

Traz-lhe Papai Noel, nas mãos, um embrulhinho miúdo, alguma coisa pequena e interessante, que se move que não pára...

Um bichinho movido á mola, talvez como o que vira nas vitrines ou alguma coisa semelhante.

Então fecha os olhos e finge que dorme, quando vê o velhinho aproximar.

Papai Noel se afasta e não advinha a grande alegria do jornaleirinho.

Então seria aquele o seu primeiro presente de Natal?

Percebe, Maravilhado, que sobe para a cama um ruído interessante e original.

Pula-se de tão contente e abaixa-se para apanhar o brinde.

Insensivelmente suas mãos se apoiam na beira da cama, e abre os olhos ao sentir o contacto frio da barra de ferro...

Está decepcionado... Contudo, ainda sobra-lhe uma leve esperança...

Talvez não fosse um simples sonho. Abaixa-se e olha...

E soluça, então, o pobrezinho.

Aos pés da cama, com os dentinhos aguçados á mostra, e fazendo um barulho aborrecido e impertinente, um ratinho branco roía a última tira do seu chinellino...

Linhos nacionais e estrangeiros — Tropicais — Casimiras aurora.

ALFAIATARIA MODELO

— de —

JOÃO BATISTA DE MELO

Confeccões tinas e preços reduzidos

CUIABÁ — Rua Ricardo Franco, 10 MATO-GROSSO

A RENDEIRA

X. Gastro

Numa esteirinha sentada,
Branca, a velha, no terreiro
Rufa um "chorado" faceiro
Nos bilros duma almofada.

Não falta mais quase nada
Pra levantar todo inteiro
O papelão que é o primeiro
Duma renda encomendada

Leva os óclos à cabeça
E, como deles se esqueça,
Diz: — "Meu Deus, inda mais esta!

Perdí meus óclos... Chiquinha,
Procura-os aqui... — Dindinha,
Seus óclos estão na testa!"

(Augusto Xavier de Castro, poeta cearense, falecido em 30-4-1895)

NOSSOS BELETRISTAS

Humberto de Campos

A. D. Tocantins

A publicação do famoso comentarista "Conselheiro XX".

Desapareceu, sim, mas fisicamente, posto que as suas obras, que ascendem a mais de 40 volumes, ainda são lidas e relidas por esta geração que o considera espiritualmente vivo. Dominou superiormente a própria natureza que lhe foi madrasta, com estoico heroísmo, pois um outro, que não êle, teria abreviado logo os anos de sofrimento neste velho vale de lágrimas. Sucedeu, porém, que o maranhense de pobre infância não levou existência fácil e venturosa, mas sim dura e afanosa de homem crestado cedo nos embates da vida. O seu progresso foi devido ao desdobraimento constante de esforços herculeos (e de quantas vigílias!)

Há mais de 3 lustros, a 5 de dezembro de 1934, extinguiu-se um dos últimos abencerragens da bôa crônica cotidiana do jornalismo nacional, o saboro-

Continua noutra local

As dificuldades da nossa ...

Conclusão da página 16

que faz a nossa língua *muito difícil* é a nossa incúria no conhecer-lhe os recursos, a nossa indiferença no conservar a sua pureza e os seus donaires.

As dificuldades da nossa língua não nas conhece o povo que no-la herdou; não nas conheceram os que primeiro nela terçaram entre nós. Conhecemo las nós, que por falta de patriotismo, ainda não entramos na posse definitiva dela, ou que dela nos afastamos cada vez mais, num culto á preguiça e ao desmazêlo.

O pedantismo de uns, a soberba de outros e a ignorância de muitos criam em tôrno dêsse "rude e doloroso idioma" uma espécie de barreira intransponível, que dificulta sobremodo o seu aprendizado.

Não há quem não reconheça o desleixo, a negligência dos redatores das nossas folhas periódicas. A sua linguagem é, de-fato, uma algaravia insuportável, em que os mais agressivos solecismos disputam a primazia aos barbarismos mais detestáveis. Mutila-se insolitamente a morfologia dos vocábulos, desfigurando-os completamente; deturpa-se o sentido dos termos, numa verdadeira subversão semântica, e investe-se desabridamente contra os mais comezinhos preceitos da sintaxe, em franco desrespeito às

normas tradicionais do idioma. É *intemerato* no sentido de *destemido* é, *incontestável* , é *subscritar* no sentido de *endereçar* , é *mau-estar* por *mal-estar* , e assim por diante.

Procura, entretanto, o pedantismo justificar êses ultrages com que atenta contra o pundonor da linguagem, exaspera-se a soberba quando se lhe apontam os êrros, e a ignorância, de-vento-empôpa, prossegue a sua obra demolidora das boas tradições vernáculas, esculpando-se com a evasiva ôca de que *a língua portuguesa é muito difícil* .

O que se nos afigura difícil, entretanto, é refrearmos a nossa vaidade e convencer-se o pedante de que é um dever cívico aprender o seu idioma, a-fim de o falar e escrever com impecável segurança e pureza, pois na língua está consubstanciada a nacionalidade.

Sem o conhecimento perfeito das flexões nominais e verbais, dos pronomes e sua declinação, das preposições e suas relações, das conjunções, bem é de ver que não se pode falar, nem escrever com acêrto uma língua.

Ainda há poucos dias, em palestra com pessoas, aliás de certa categoria social, feriu-nos o ouvido um *detera* em vez de *detivera* , assim como um horripilante *simpatiquiss-*

SARATOGA

José de Mesquita

O que ideia essa tua, delicada
lembrança desse amor suave e doce,
de por na carta que me foi enviada
o teu perfume, qual se uma alma fosse.

Mal a entreabri, fragrante, ele evolou-se,
de tal geito era a carta impregnada,
que o ambiente, em roda, todo perfumou-se,
como um frasco de essência derramada...

Todo o nosso romance tão saudoso,
aqueles dias de inefável ôzo
e o sonho, que este amor em si resume,

e tôda Tu, formosa, tôda inteira,
surgiste, ali, na evocação fagueira,
corpo e alma, nessa onda de perfume...

mo em vez de *simpatícis-*
 simo . Essa pessoa evidentemente não sabia conjugar o verbo *ter* do qual se forma *deter* , assim como não sabia os processos formativos dos superlativos.

Quanto ao emprêgo dos verbos pronominais, então, é uma verdadeira calamidade. Uns suprimem o pronome discretionariamente, e lá vai o *quando eu formei, eu abstive de votar, nós queixamos dêle ao diretor, ela arrependeu do que disse* e outros barbarismos que tais. Outros introduzem o pronome à cunha onde não há cabimento para êle, e dizem como um coronel que eu conheço: *'Ele agora esta muito meu camarada; ainda ontem esteve na nossa casa, chegou u-se, apeou-se, desarreou-se e conversou-se* muito tempo comigo. "É que essas pessoas desconhecem

completamente a natureza dos verbos, coisa que se estuda nos primeiros rudimentos gramaticais.

Falamos escrevemos muito mal, é a grande verdade. *Estadia* em vez de *de estada, se eu ver* em vez de *se eu vir, às pressas* em lugar de *à pressa, custei muito resolver o problema* em lugar de *custou-me muito resolver o problema, êles desbouveram-se* por *êles desavieram-se ainda não paguei o médico* por *ainda não paguei ao médico, ela simpatizou-se comigo* por *ela simpatizou comigo, estão lhe chamando no telefone* por *estão-no chamando ao telefone, são escórias* encontradiças nas nossas fâlas e na nossa escrita, nos nossos jornais e nos nossos documentos públicos, a atestarem a nossa desídia e o nosso relaxamento. *Conclue na 4a pág.*

"MORRIS"

É o carro mais indicado para o seu uso porque lhe oferece todo confôrto — grande durabilidade, garantia e segurança
Caminhões para 1,500 Kgrs.
Caminhõesetes « 500 Kgrs.

Prefiram sempre os carros «MORRIS» porque são bém acabados, econômicos e de funcionamento perfeito.

Representante em Mato-Grosso: H. ARAUJO

CUIABA' — Rua 13 de Junho, 526 — Fone: 419. — MATO-GROSSO

A supremacia do espírito

Amaro de Figueiredo Falcão

Os homens fortes apareceram no meio da mata virgime começaram a derrubada. Prepararam a gleba para o plantio. O fogo, que tudo consome, terminou a obra dos trabalhadores. A semente foi lançada à terra. Foi lançada e germinou, a semente!

Não lhe faltou o sol nem a chuva. Depois a seara lorejou esplêndida. As espigas de ouro eram o encanto dos olhos e a alegria dos corações...

x x x

Mas o tempo quebrantou as forças dos trabalhadores, e, envelhecidos, deixaram o campo do seu labor. Empós vieram os novos. Riram sobre o trabalho abandonado dos velhos. Acharam que o sólo estava cansado, e era preciso derrubar outra mata, preparar outra terra, cujo humus novo fosse a garantia certa de uma cultura mais rica.

x x x

Não são assim, entretanto, os homens que cultivavam no espírito que não envelhece, — os homens que plantam o espírito a sementeira fecunda da arte, "esta aquisição que o instante faz para a eternidade". Enquanto os que pertencem à matéria vivem do presente, os que são do espírito compreendem e encampam, igualmente, o passado e o porvir. Porisso a arte é eterna. Eterna como o belo. Eterna como Deus...

x x x

Meus jovens amigos da "Ganga", amigos jovens um velho amigo, instaram

para que escrevesse um artigo "qualquer" para o seu jornal, O orgulho (quem sabe, não era inveja?) me gritou n'alma e, de pronto, lhes disse que não. Era, por certo, a inveja do crepúsculo da noite em contraste com o crepúsculo do dia; a inveja do perigeu ante a promessa do zênite; a inveja do aerólito deante do só; a inveja do agonizante em

face do que está a nascer...

Felizmente, nos homens de espírito, os instantes opacos, os instantes sombrios têm a duração dos fogos fátuos. Compreendi que devia escrever para o jornal dos meus amigos, e fi-lo contente, constatando mais uma vez a supremacia do espírito sobre a matéria...

ESMOLA

*Ao gênio do meu amigo e poeta
João Antônio Néto*

*Aos indigentes—filhos da aflição,
Que se mostrarem pelo teu caminho,
Oferta uma tafia do teu pão
E um cálice repleto do teu vinho.*

*Aos que tateiam pela escuridão
E pisam sobre pedra e sobre espinho,
Mostra, bém perto, a luz da salvação
E dá do teu amôr e teu carinho.*

*Aos desgraçados—similhantes teus,
Dá toda esmola que teu bolso encerra
Por que eles pedem pelo amôr de Deus.*

*E de uma coisa o homem se convença:
De cada esmola que se dá na terra,
Recebe-se do céu a recompensa.*

Agenor Ferreira Leão

As dificuldades da nossa língua

NILO PÓVOAS

O eminente e mui saudoso professor Silva Ramos, um dos mais autorizados docentes de vernáculo que já possuiu o Colégio de Pedro II, num dos interessantes estudos com que opulentou o nosso idioma, projetando as luzes do seu grande

espírito na penumbra dos nossos conhecimentos linguísticos, demonstrou, com argumentos irrefutáveis, a vanidade da afirmativa, que a cada passo se ouve, não somente de estudantes que procuram desculpar-se da sua displicência, senão também

de muita gente letrada, de que a *língua portuguesa é muito difícil*.

Tôdas as línguas têm as suas dificuldades; não há negar, e a nossa não poderia fazer exceção, Dizer-se, porém, que a nossa é *muito difícil*, em grau superlativo, é desconhecer as dificuldades, sem dúvida muito maiores, das suas co-irmãs românicas.

"Língua excelente" como a qualificou o velho clássico, assim na suavidade da pronúncia como na gravidade e composição das palavras, nenhuma há que se lhe avante em harmonia e doçura, nem mesmo aquela que se convencionou investir dos fóros de língua oficial do canto e da música.

"Ela tem o trom e o silvo da procela,

O arrôlo da saudade e da ternura".

Onde, em português, a concorrência das vozes, nasaladas, soando a contra baixo, em *an, en, on* como se sente em

"Et la sonde plonge e replonge en vain

Dans une mer sans fond."

ou as emissões ásperas que saem de raspão pela garganta afóra, semelhante ao ranger da pá no cascalho das minas, como se faz em

"En Europe, en Europe esperez, plus d'espoir.?"

Onde, em português os chiados e trepidações das consoantes dúplices, que se notam nas palavras *ritchevuto, dgiace, gadzetta* e outras, ou a gutturalidade e forte aspiração dos sons, que tanto afeia, no espanhol, o simpático e atraente nome *mujer*, que sôa *mujer*?

Sejamos razoáveis. O

Continua na página 15

Ultimas palavras

Eurycles Motta

Musa,
filha dos meus sentidos
e da minha alma,
quero-te simples, e serás despida
de quaisquer artifícios;
serás, unicamente, a impressionista
fiel
das minhas emoções
e dos ritmos que embalo.

Serás contraditória, algumas vezes;
não importa,
és livre, podes ser sincera então.
E nua
dançarás para mim,
nua,
inteiramente nua,
no culto coreográfico pagão
do gesto que se ostenta
livre
e puro
como tôda a beleza esparsa do universo.

Dança, bailadeira linda!
Por amor da poesia seguirás
vagabunda,
girando,
girando,
pelas vias do sonho...
Em cada gesto,
ainda que ele traduza uma impressão amarga,
um pouco de beleza expressarás,
uma forma do belo.
Dança, pois, minhas danças prediletas!

Dança...
apura o gesto e, sutilmente, dança
na espiral da minha fantasia;
traduza em teus meneios,
em curvas imortais,
a eternidade do que é belo e nobre,
o efêmero da vida!

FALECIMENTO

PROF. ULISSES CUIABANO

Cuiabá inteira mostrou-se profundamente consternada com o passamento inesperado de um dos seus

grandes valores. Trata-se do ilustre Prof. Ulisses Cuiabano, homem de notável projeção nos círculos literários matogrossenses, jornalista militante que sempre soube defender com desassombro e brilhantismo a integridade

A p a r i ç ã o

Escreveu: B. S. S. Freire
Da Associação de Imprensa Matogrossense

Trevas!... Trevas!... Trevas!...
Copados tropéis de brumas turbulentas,
de relâmpagos, trovões e coriscos que crescem no [descampado...]
Chispas ruidosas, sanando o negro firmamento,
num frenesim insatisfeito...
Um vendaval formidável,
surrando as copas das árvores,
num instinto animalêsco...
O aguaceiro surdo e unísono,
troveja, impiedoso, sobre a terra...
E a inclemente enxurrada,
a tudo leva e arrasta,
só emergindo o mistério o pavor e o negrume, que,
vão afogando as almas criminosas,
à direção do gigante revoltado que,
encarneira o dorso e as castigas de encontro aos [rochedos...]

Mas!... Eis que daquele ^{do} medido vórtice medonho,
emerge, são e salvo, o genial Wagner
trazendo às mãos a batuta mágica,
para agitar em outras direções,
as ferozes vagas, num divinal concêrto de inspiração...
Desperto, com o som da imortalidade,
toca às ondas indomáveis, numa volúpia quase etérea
compondo, com vigor, a sua sinfonia...

!
Porém, Wagner, derramando talento, larga a batuta
e com a alavanca da genialidade, comanda o vento...
Agora, o fenômeno obedecendo o Gênio,
ainda hoje, parece puxar cada onda,
como se fôsem seios salgados de virgens que perece-

[ram,
e que estão presas nos mistérios do mar ensaguen-
[tado. Er

RICARDO WAGNER venceu a NATUREZA...
de de seu povo e os inte-Estado, quando a morte c
resses da sua terra. Mem-surpreendeu, tirando a
bro dos mais Luminosos Mato-Grosso o seu maior
da Academia Matogros-representante do Folk-lo
sense de Letras e do Ins-re. Compartilhando desse
tituto Histórico, o Prof doloroso golpe por que
Ulisses vinha exercendo in passou a família enlutada
teligentemente as funções apresentamo-lhe as nos-
de Diretor do Departamento sas condolências.
de Educação e Cultura de

Cândia Irmãos

Concessionários «CHEVROLET»
Automóveis e Caminhões

Completo sortimento de Rádios e Radiolas—Bicicletas — Geladeiras e peças para veículos em geral. Revendedores da Gasolina e Óleo «TEXACO» Pneus e Camaras das melhores qualidades

UPE - CLICHÉ
 BIBLIOTECA "RUBENS DE MENDONÇA"
 REGISTRO 8069
 DATA / /

Sempre sábia a natureza,
 Suscita renovações,
 Desde as mais remotas eras
 E nas diversas nações;
 Assim, gerou lá na Grécia
 Aristóteles, Platão...
 Indo depois para a França,
 No seu afã costumeiro
 Criou o gênio guerreiro
 Do grande Napoleão!

Na mesma França vaidosa,
 Dos Boulevards e do Sena,
 Pôs Hugo, o mago do verso,
 Empunhando a sua pena;
 Pôs Zola, a chama ardente,
 Que, enfrentando forte liça,
 Revendo o caso Dreyfus
 Com o seu subtime "Eu acuso",
 Deixou o mundo confuso,
 Reivindicando a justiça!

Na Itália, berço de artistas,
 Deu-nos Dante, o imortal,
 Que na "Divina Comédia",
 Pôs seu estro colossal;
 Deu-nos após Miguel Ângelo,
 O Da Vinci e o Rafael,
 Na arte considerados
 Gigantes da Renascença,
 Que trouxeram de nascença
 Os prodígios do pincel!

Condor, sem ninho e sem pátria,
 Na Ilha o gênio Pousou;
 Na terra dos Reis de Galles,
 Dois novos filhos criou:
 Shakespeare — das obras-primas,
 Que tantas jóias nos deu!
 E Milton, cégo entre os pobres,
 Ditando pra esposa e filhas,
 As maiores maravilhas
 Que o mundo já conheceu!

Na Índia sempre lendária,
 Que o Ganges divide em duas,
 Nasceram Gândhi e Tagore
 As eternas glórias suas;
 Um — com seu idealismo
 Sonhando com a Liberdade
 Era a paz e o sofrimento,
 Outro — ardente, repelia,
 Pelo clarim da Poesia
 Do domínio — a Potestade!

Guadiana, Tejo e Ebro,
 As veias dadas por Deus...
 O colo regam da Espanha,
 Contemplando os Pirineus!
 Na terra de antigos reinos,
 De Castela e de Aragão...
 Nasceu Cervantes, o gênio,
 Que sendo herói de Lepanto
 Mostrou ao mundo, com espanto,
 Das letras ser um titão!

Às vezes, pequenos fatos,
 Geram largas emoções,
 Portugal, também pequeno,
 Deu-nos o excelso Camões;
 Sua vida — uma aventura,
 Seu calix — pleno de fel...

Na foz do Rio Mekong,
 Naufraga, indo pra Gôa,
 Mas salva e leva à Lisbôa
 Sua obra, o seu laurel!

A Alemanha, berço augusto,
 Duma história inolvidável,
 Foi a mãe-pátria de Goethe
 Dentre mil — o mais notável!
 Acalentou também Schiller,
 Da cultura um campeão;
 De estilo declamatório,
 Escritor dos mais humanos,
 Pôs, na "Guerra dos Trinta Anos"
 O esplendor do seu brasão,

Desfile
 DE
gênios
 RUBENS DE CASTRO

Se tem sede de conquistas,
 É portentosa em seus brilhos;
 Se provoca o mal das guerras,
 Concebe e dá nobres filhos!
 Exemplo disto foi Nietzsche,
 Pregando, em tom magistral,
 Que o cultivo da energia,
 Representava na vida,
 Como chave, resumida,
 Tôda a base da Moral!

Na Rússia de Pedro, o Grande,
 Do Petchora, Don e Volga,
 O Autor de "Crime e Castigo"
 Conseguiu obra que empolga!
 Passados mais alguns anos
 Eis que surge um novo herói,
 Moralista e de renome,
 Lançando a sábia sentença,
 Da liberdade da crença
 Brilha e vence Tolstoi.

No País das maravilhas,
 Das indústrias, dos milhões,
 Vendia Poe jóias raras
 Por miseráveis tostões!
 Buscando no pensamento,
 Consepções infernais,
 Pintava cenas terríveis,
 Nos enredos magníficos
 De seus contos terroríficos;
 Inda hoje sem rivais!

Volvendo à história dos povos
 Um olhar calmo e profundo...
 Muitos astros já brilharam
 Nas nebulosas do mundo;
 Muitos... milhares, talvez,
 Ultimaram seu cruzeiro,
 Deixando um rastro de luz...
 Na fração de eternidade
 Que separa a humanidade,
 De Confúcio até Junqueiro!

Quiz um dia a Natureza,
 Sempre sábia e liberal,
 Dar ao Brasil um rebento
 De conceito universal!
 E a Bahia, pressurosa,
 Foi com carinho gerar...
 E do seu ventre bendito,
 Nasceu então Rui Barbosa,
 Estrêla dalva da prosa
 No céu do mundo a brilhar!

Águia de vôos gigantes
 Pelos sêrros do Himaláia...
 Cuja luz da inteligência
 Fulgiu na Côte de Haia;
 Patrono das causas justas,
 Terror do júgo e opressão...
 Rui Barbosa, sua vida
 Pelos fatos que contemplo,
 Foi o mais soberbo exemplo,
 De amor, trabalho e perdão:

Da cultura estilizada,
 Foi mais que mestre — Senhor...
 Da Justiça e do Direito,
 Fervente batalhador!
 Jurisconsulto erudito,
 Fez da pena o seu buril...
 Rui Barbosa, Rui Barbosa,
 Seu nome é manto de glória,
 Auréola de nossa História.
 Bandeira do meu Brasil!

Caixa Econômica Federal de Mato Grosso
GARANTIDA PELO GOVERNO FEDERAL
 Sede, Rua Barão de Melgaço 732
Deposite suas economias na Caixa Econômica Federal
DEPÓSITOS POPULARES
 Movimentos livres por Cheques e Caderneta

Depósito inicial	Cr\$	5,00
Depósito em continuação	"	1,00
Limite máximo para rendimento de juros	"	50.000,00
Taxas de juros (capitalizados semestralmente)	5%	ao ano

Expediente diário das 9 às 11,30 e das 13,30 às 16,30 horas
 Aos sábados um só expediente das 9 hs. às 11,30 horas

O QUE VAI POR MATO GROSSO

Mato-Grosso, nos últimos tempos, é um dos Estados do Brasil que vêm passando por um verdadeiro surto de progresso e uma série de transformações, o que nos deixa vislumbrar, num futuro que não está muito distante, sua hegemonia econômico-financeira e sua independência em muitos ramos da atividade humana, com relação aos mais destacados centros produtores da federação brasileira. Sua vida quotidiana, a pouco e pouco, começa sentir

As dificuldades da nossa...

Conclusão da pág. 15

mento no cultivo do nosso idioma.

No que se refere ao emprêgo dos demonstrativos, *êste* e *êsse* para indicar a situação do nome a que nos referimos. coisa em que até bem pouco nem os alunos das escolas primárias claudicavam, hoje andam às cabeçadas estudantes e doutores. Não é raro ouvir-se: *a essa hora nunca estou em casa* (referindo-se à hora em que se fala); *ao receberes essa carta...* (referindo-se à carta que está escrevendo).

Sem o estudo dessas noções elementares da gramática, de que hoje ninguém mais cogita, torna-se mesmo *muito difícil a língua portuguesa* como qualquer outra. O aprendizado de ouvido somente seria possível, se outro fosse o meio em que vivemos.

Estudemos, portanto, a gramática da nossa lín-

gua, de vez que a posse completa desta é impossível sem o conhecimento daquela. Isso não quer dizer que apenas com o trato da gramática descobriremos o filão da boa, da genuína fala portuguesa. É necessária, também, a leitura constante e perseverante dos bons escritores, que nos ensinarão a exata aplicação dos complementos, a boa concordância, a colocação adequada e a harmonia do fraseado.

E convençamo-nos, de uma vez para sempre, de que nada há mais falso e sem fundamento de que o conceito de ser a nossa língua *muito difícil*, assim como de que é *tão desairoso a um homem falar mal a sua língua, sob o pretexto de que ela é difícil, como tirar as botas num salão por lhe doerem os calos*.

Sociais

ANIVERSÁRIOS

MENINA BEATRIZ DE CARVALHO: — Transcorreu a 4 do corrente a data natalícia da mimosa menina Beatriz de Carvalho, a quem cumprimos, augurando muitas felicidades.

Fez anos no dia 13, do corrente a Sra. d. Cecí-

lia Paes Reveles, digníssima esposa do nosso distinto amigo, Ten. Emílio Reveles Pereira, a quem levamos os nossos efusivos parabéns.

Aniversariou no dia 7 do corrente a mimosa menina Lurdit Pinto de Barros, filha dileta do Snr. Deusdedit P. de Barros e de d. L. L.

o rítimo agitado das grandes metrópolis. Seus operários sentem nas veias o sangue quente que caracteriza o dinamismo empreendedor dos homens dos grandes parques industriais do nosso País. As terras ubérrimas dos vales do São Lourenço e rio Vermelho (Rondonópolis) onde atualmente existem inúmeras colônias de imigrantes de muitos Estados do nordeste brasileiro, atraem as vistas dos homens de indústria. O plantio do café, algodão, trigo, e inúmeros outros cereais de importância capital para a nossa alimentação, está tomando vulto considerável. O diamante, a borracha, o babassú e uma quantidade de minerais e vegetais que podemos reputar indispensáveis ao progresso de um povo, existem em proporções gigantescas em toda extensão do seu território. Campo-Grande, Corumbá, Três Lagôas, Cáceres, para não citar outras cidades importantes, já alcançaram um comércio em boas proporções. Cuiabá, Capital do Estado, conta com ótimos meios de transporte fluvial, terrestre aéreo, o que facilita seu intercâmbio não só comercial e intelectual, mas também, em todos os sentidos que se possa imaginar. Com as modernas construções dos edifícios do I. A. P. C. — I. A. P. T. E. C. — I. A. P. I. — Delegacia Fiscal, Maternidade, cujas linhas arquitetônicas encantam os seus visitantes, é mesmo de se esperar que, brevemente, Cuiabá seja uma das mais belas cidades brasileiras. Seus bairros como sejam Coxipó — da — Ponte, Várzea — Grande, etc. são servidos por uma boa linha de onibus, iluminação perfeita e água capazes de atender os desejos das suas populações. Ligando o 1º bairro à Capital *c u i a b a n a*, dentro de pouco tempo, teremos a Av. Rio Branco que, provavelmente, irá ser toda asfaltada e arborizada. A pouca distância de Coxipó, está sendo construído o "Educandário dos menores desamparados", que dista de alguns metros, mais ou menos, dos terrenos pertencentes à conceituada empresa "IMOBILIÁRIA PARAGUASSÚ", ora sob a inteligente direção do nosso amigo ABÁDIO FERNANDES DA SILVA que, em nossos dias, tem vendido grande quantidade de lotes de terra, cujos prédios a serem construídos pelos compradores dos mesmos, futuramente, irão formar um dos lados da Av. Rio Branco. Os lotes em aprêço, estão sendo vendidos a partir de CR\$ 4.000,00 e, daqui a alguns anos, irão valer o dobro, senão o décuplo da importância em questão. Daí, portanto, a breve valorização que irá advir com referência aos lotes da IMOBILIÁRIA PARAGUASSÚ. Deixando à margem qualquer intuito de propaganda, felicitamos a todos que comprem os lotes da "IMOBILIÁRIA PARAGUASSÚ" e nos congratulamos com o Snr. ABÁDIO FERNANDES DA SILVA, que consideramos um dos mais lúdimos incentivadores do progresso de nossa Terra.

Barros, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Ao Comércio em geral

O que salva o esforço de poucos, é a cooperação de muitos. Nossa iniciativa de fazer este jornal, recebeu de todos uma acolhida franca e sincera. A todos mandamos o nosso agradecimento. Mas, entre todos os que nos deram a mão,

queremos frizar a colaboração da classe comercial, que, em peso, nos trouxe, sem vacilações, o seu valioso apôio. Nessa nota, pois, vai nossa gratidão ao Comércio de Cuiabá.

SEÇÃO DE CRÍTICAS LITERÁRIAS

No próximo número iniciaremos nossa seção de crítica literária, sobre a competente direção do nosso erudito diretor, João Antônio Neto. Remessa de livros para Praça Couto Magalhães, 53 — Cuiabá.

A única solução

Waldemir Siqueira

Exaustivas pesquisas e laboriosos estudos têm feito os sábios, através dos tempos, para chegar a uma conclusão sobre a origem dos povos e a fim de determinar a real e absoluta classificação das diversas raças que habitam o nosso orbe terráqueo. É fora de dúvida que não existe raça completamente pura e isso não é mais que o resultado da grande e indiscriminada miscigenação que se vem operando na humanidade quase que desde o seu aparecimento sobre a terra. Sabe-se que as primitivas tribus do período neolítico já viviam misturando-se entre si e isso se repetiu durante todos os outros períodos subsequentes, até os nossos dias, gerando, portanto, a enorme confusão hoje reinante.

E é por isso que os sábios, coitados, vivem atarantados, perdidos no emaranhado de todas essas misturas, sem poder chegar à conclusões positivas a respeito da etnogeneologia da humanidade. E os únicos culpados dessa terrível baralhada são os primeiros habitantes da terra que, esquecendo-se de guardar a pureza racial primitiva, deram o mau exemplo às gerações que se lhes

sucederam. Certamente não havia entre eles um condutor de povos, um super-homem como Hitler, para evitar que cometessem semelhante crime perante a ciência. Porque esses trogloditas deviam prever que a união de indivíduos de tribus diferentes traria como resultado a fusão do sangue e a perda de suas características originais. Essa falta de previsão é imperdoável, mormente porque não tiveram a mínima consideração para com os estudiosos da etnogenia e para com os sábios do futuro.

E se já não fosse suficiente toda essa balbúr-

dia racial, vem, agora a Índia conceder direitos políticos e sociais aos Párias, permitindo-lhes que contraiam matrimônio com indivíduos de outras castas. Isso constitui um absurdo inconcebível e um crime inominável contra a humanidade tão sofridora. Já não bastam as calamidades públicas — guerras, epidemias e fomes — e vem mais essa mistura racial, esse verdadeiro cataclismo abater-se sobre os habitantes da já tão castigada Índia e com grave perigo para o resto do mundo que pode ser tentado a imitar tão in-

A VIDA

João M. Pires

É isto a vida. Quando, apenas
Raia o clarão de loira madrugada,
Como um sendal alvíssimo de penas
Destendidas na terra alvoroçada;

Quando a Moça Titônia apaixonada
Enche de luz as tímidas falenas,
Desfaz o sonho da ilusão sonhada
No leito sensual das Madalenas...

O sol dardeja a prumo. Ressequida,
Engole a terra o pranto de amargura
Que a madrugada lhe chorou descrida...

E cai a noite pavorosa e escura...
Amanheçe... e de novo, a mesma vida
Tôda cheia de pranto e desventura.

feliz cometimento. Que seria das grandes nações de brancos se o mal fosse contagioso?...

Como todos sabemos, quando a raça superior dos Árias invadiu a península hindustânica e os subjugou os seus habitantes indígenas, tratou, imediatamente, e com muita inteligência de se dividir em castas — Brâhmanes, Kshatriyas, Vaishyas e Sudras. Aos conquistados — os Párias — proibiu, como impuros que eram e de raça inferior, que tivessem o mínimo contacto com os demais. Foi, não resta a menor dúvida u'a medida sábia e de absoluta justiça, pois os Árias, cônscios de sua pureza étnica, de seu "pedigree", não se deviam misturar, com raças inferiores manchando-se, estragando sua fina linhagem e causando, no fim de contas, confusão no estudo de sua etnogenia. Devem os sábios, portanto, ser gratos a um povo que teve tão notável senso de previsão do futuro. De maneira contrária, afigurar-se-nos-ia impossível distinguir posteriormente um Brâhmane de um infeliz Pária.

Bastantes razões, portanto, tem certos povos, atuais em não se quere-rem misturar com indivíduos de cores diferentes da sua e estabelecer mesmo a segregação desses seres inferiores. Porque

Conclue na página 12

BAR E ARMAZEM SEM RIVAL

DE

Adelina P. Pereira da Silva

Bebidas nacionais e estrangeiras—Gêneros alimentícios das melhores qualidades—conservas de todos os tipos, V. S. encontrará no BAR E ARMAZEM SEM RIVAL—o empório mais barateiro e bem surtido da Cidade, onde se comprede tudo por preços mínimos

Rua Candido Mariano, 446—Cuiabá-Mato-Grosso

Escritório F A R I A

DE

NATHANAEL NONATO DE FARIA

Escrituração contábil em geral, inventários e balanços; perícias e revisão, escrita atrazada, assinaturas em balanços e defesas fiscais.

Agente exclusivo em todo o Estado das Companhias

PATRIA — Companhia Brasileira de Seguros Gerais

Incendio, transporte, Automoveis, Acidentes Pessoais, Resp. Civil e Aviões

MERIDIONAL — Companhia de Seguros de Acidentes do Trabalho—divide-se o premio em prestações anuais

Rua Candido Mariano, 536 — esq. com a Praça Boa Morte — Fone 381 — Caixa Postal n. 119 CUIABÁ MATO-GROSSO

A Moderna Geografia

Lenine de G. Póvov

Palestrando, até em rodas cultas, temos observado, com imensa consternação, que o moderno conceito de Geografia é coisa restrita a alguns.

Vive, ainda, mesmo entre espíritos esclarecidos, aquele conceito *fóssil* da ciência, como o qualificou Monbeig, de que a Geografia é uma simples questão de memória, de recitar rios, cabos, vulcões, ilhas e penínsulas.

Opinião lamentavelmente arraigada entre nós, dela decorrem duas consequências ruinosas. A primeira, a suposição dos estudantes de que a Geografia é uma ciência *muito fácil*, bastando uma simples *decorada* em seus pontos, às vésperas das provas, para passar nos exames; a segunda, a crença de alguns de que apenas boa memória, para guardar nomes e números, basta para transformá-los em mestres dessa "ciência de decoração"...

Infelizmente, é essa, sem exagêro, a desoladora realidade.

Outro não é o pensamento de Pierre Bertoquy, quando escreve no Prefácio de sua "Sociogeografia":

"Na hora atual com efeito, muitas pessoas se encantram ainda mal preparadas para abordar a geografia moderna. Sem falar dos que ignoram seu verdadeiro objeto, muitos não

chegam' senão dificilmente, a fazer dela uma idéia exata".

Afinal de contas não faz assim tão pouco tempo que Humboldt, Ritter e Ratzel lançaram as bases da geografia científica, para que suas lições estejam ainda tão pouco divulgadas.

Antes do autor da "Antropogeografia" (1882) e dos trabalhos daqueles precursores da sua fase científica, era a geografia meramente *descritiva*; depois deles, tornou-se *explicativa*.

Depois que Humboldt e Ritter, falando dos fenômenos geográficos, sustentaram que "é necessário o porque de cada um dos mesmos e como aparecem de acôrdo com sua localização no espaço", passou a geografia a ser a ciência da análise, da interpretação e da explicação da paisagem. Passou a ser a ciência dos *porquês*, não preciso conceito de Bertoquy.

Inútil dissertarmos, perante uma turma de jovens estudantes, sobre o fabuloso desenvolvimento industrial dos Estados Unidos, sem detalharmos as suas causas; inútil enumerarmos, de modo fatigante, os países que mais produzem chá, algodão, trigo, sem precisarmos as razões pelas quais são eles os maiores produtores; inútil referirmos que o Ca-

Espera o amor...

Otávio Cunha.

Destruía tudo que se criou, destrúia mundos, constelações, o que há no espaço: Sóis e planetas... mas poupando a Lua que atrae os poetas para o seu regaço.

Estenda o Tempo a mão, maneje o braço que fere e afaga e enfeita e tumultúa... Destruía tudo sem deixar um traço de haver essa Amplidão que além flutúa...

Não tocarás na Terra, que é tão linda... mas o murchar das flores vem tão cedo e o das mulheres vem mais cedo ainda...

Bem como quando abrindo, fique a flor, fique a mulher no começar do enrêdo, naquela idade — quando espera o amor!

DR. JOÃO ANTÔNIO NETO

Ex-Consultor Geral do Estado

Advocacia em geral
Escritório: Praça Couto Magalhães, 53-Pôrto-Cuiabá

nadá, a Finlândia, a Noruega, a Suécia, a Rússia, possuem desenvolvida indústria madeireira, sem declinarmos o *porque* do fato. Estaríamos, em tais hipóteses, no domínio da estatística, talvez; nunca, porém, no da geografia, para a qual a demonstração das relações de causa e efeito se nos afigura fundamental.

Abrangendo noções de cosmografia, cartografia, geodésia, geomorfologia, geologia, física, sismologia, oceanografia, meteorologia, fitogeografia, zoogeografia, para atingir, finalmente á geografia humana, a ciência de Brunhes é das mais vastas; exigindo tal soma de conhecimentos que a torna das mais complexas, longe de ser a *ciência fácil de decoração*, por muitos imaginadas.

Recordando.

Conclusão da página 12

algum dia sentiu por mim uma afeição, que por uma simples ausência morreu e destruiu uma vida inteira,

Faz frio, porém, faz frio também em minha alma; em minha mente há pedaços de frases, há trechos de canções, em atropêlo, embaralhados, que ainda serviram para aumentar mais o frio que sinto n'alma, e sentir que a vida quer fugir, que já não a posso mais agarrar... Estivemos no cimo da montanha da afeição, depois descemos, mãos desunidas para sempre, seguindo a mesma direção, porém, como disse o poeta tão desunidos, tão distantes, que como o destino das linhas paralelas nossas vidas nunca mais outra vez se cruzarão.

SALÃO ELEGANTE

DE FÁBIO DOS SANTOS

HIGIENE—CONFÔRTO ELEGÂNCIA, só no SALÃO ELEGANTE onde V. S. encontra dois operários competentes na arte cabelereira.

Rua Ricardo Franco, 66—Cuiabá—Mt.

CIA. SEGURADORA BRASILEIRA

Seguros de todos os tipos
Prêmios acessíveis e divididos em prestações
Inspetor nesta Capital: RUBENS DE CASTRO

Oficinas «RICCI»

Meu amigo, faça da sua viagem um passeio, viajando pelos confortáveis e possantes caminhões «STUDEBAKER», que há muito vêm demonstrando sua força e qualidade insuperáveis através dos sertões brasileiros.

Distribuidor autorizado nesta praça

ERMETE RICCI

Rua Tte. Joaquim de Albuquerque, 74 — Pôrto

Um velho lavrador saíu à porta do rancho; passou a mão pelos cabelos; olhou para os céus, e disse consigo:

Hoje é dia de Natal, e nada tenho para festejar esta data!... Até as minhas plantas estão tristes, por falta de chuva!...

Volta á cozinha, e diz á mulher:

Nada temos para festejar o dia de hoje, além daquela galinha que a comadre Maria deu á afilhada, a nossa Terezinha...

E quantos em piores condições do que nós!... - diz a mulher.

É mas nunca ofendi a Deus, para me sentir tão desgraçado.

Ora, marido, desgraçado é aquele que nada tem, e nós temos os nossos filhos, a nossa casa própria, onde vivemos há trinta anos de casados — como pobres, porém não tão infelizes como muitos outros.

La isso é - disse o marido - Temos doze filhos, e qual a razão por que Deus e os homens não nos ajudam melhor, para o conforto dessas crianças?...

Quem sabe ofendemos a Deus?...

Em que?! Em ter a sua imagem no oratório, em respeitar os seus princípios, em rezar para ele todos os dias?!

Presente de Natal

J. A. COSTA

Às vezes, marido, em outras coisas...

Não me lembro, diz o homem. Sei apenas que vivemos dentro das suas leis e merecemos vida melhor.

E' algum pecado. Adianta a mulher.

Pecado?! Pois se nos confessamos e comungamos, em todas as festas da capela!

Quem sabe estamos pagando por alguém!

Ora essa, você ainda crê nisso?!...

Por que não?...

Olha, mulher, eu vou contar-te uma coisa: Há poucos dias, encontrei em um dos becos da cidade, dentro de um rêgo, uma cadela com 13 filhos...

Treze, marido?!..

Sim, treze: dez machos e três fêmeas. E você sabe o que sucedeu?

Não..

Pois bem, veio uma enxurrada e os coitadinhos foram arrastados para o córrego da Prainha, onde devem ter morrido afogados. Será que

esses inocentes estão pagando por alguém?...

Chachorro não é gente, marido!...

Disso sei eu; mas eles também são viventes. Olha, o melhor é não discutirmos sobre esse assunto, porque ninguém sabe o que veio primeiro, se foi o ovo ou a galinha, e o mais é conversa fiada. Matamos ou não, a galinha?...

Eu acho que não; salvo se você quiser; por mim, eu dispenso. A Terezinha vai ficar chorando, e a madrinha pode zangar-se.

Então havemos de passar como Deus quiser. Vou á roça e talvez consiga alguma coisa.

Bôa lembrança, marido.

Momentos depois ouviu-se um disparo do lado para onde fôra o Manoel Simão.

Será que o Manoel suíçidou?... Pensou a mulher. Imediatamente, porém, abandonou esse pensamento, vendo que o marido voltava

trazendo ao ombro um veado morto.

Explicou que o encontrara algumas melancias maduras, abóboras, maxixes e vagens de feijão. Tudo dava para fazer muito bem a ceia pobre de Natal, independente de ter que pedir cartão na Legião Brasileira de Assistência, para receber das mãos enfeitadas de jóias objetos que mais nada fazem do que depreciar o nosso povo infelicitando-o, perante o estrangeiro, que o observa curioso.

Com o que o velho Manoel conseguiu, a ceia esteve muito bôa e á noite Papai Noel mandou uma chuva que muito serviu para alentar o roçado e trazer fartura para a casa do Manoel Simão.

Mobiladora Aliança

Móveis finos e baratos

Representante nesta Capital: sr. Agenor Ferreira Leão
Rua Cândido Mariano, 802

Herdeiro: Um sava-lheiro que recolhe a caça morta por outro
P. Véron.

ARMAZEM MANSUR

— DE —

ABDALA M. BUMLAI

A única organização no gênero que serve o povo a seu contento, e onde V. S. encontra de tudo e em grande quantidade por um preço mínimo.

Bebidas—Louças—Ferragens—Gêneros do País—Perfumarias—Munições,
só no ARMAZEM MANSUR

Agente da Standard Oil nesta praça

Prefira os produtos «ESSO» porque são os melhores e mais baratos

CUIABÁ — Praça General Caetano de Albuquerque, 12 — MATO-GROSSO

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL S/A.

Meu amigo, anule as más eventualidades do futuro, inscrevendo, hoje mesmo, uma Apólice da Brasília, que assegurará a V. S. uma série de prêmios mensais e lhe garantirá um seguro contra acidentes no valor de Cr\$ 40.000,00.

Agência nesta Cidade — Praça Alencastro, 124

Um Conceito de História

Francisval de Brito

História é um termo ambíguo, que se aplica tanto à narração de fatos passados, como a inda, ao próprio

desenvolver dos acontecimentos ao longo do tempo, com independência de qualquer estudo feito sobre eles.

No que concerne ao estudo dos fatos históricos, uns consideram a História como arte, outros como ciência.

Os que classificam a História como arte ressaltam o caráter estritamente individual dos fatos que ela estuda. Conforme pondera Félicien Challaye, enquanto que as outras ciências versam sobre generalidades somente a História cogita de acontecimentos, que não mais se repetirão nas mesmas circunstâncias. Assim, ao passo que, na Física, os fatos aparecem ligados em bis que permitem a explicação e a previsão dos mesmos, na História os acontecimentos são únicos e inteiramente imprevisíveis. Quando muito podemos esperar que este ou aquele fato histórico se verifique, mas nunca prever em sua particularidade, nas circunstâncias que o condicionam e o acompanham. O 15 de Novembro de 1889, com Deodoro e Floriano, jamais voltará; não acontece o mesmo com a lei física da queda dos corpos que pode ser verificada experimentalmente em qualquer época e em qualquer lugar da Terra.

Ora, como, de acordo com uma velha regra, não se faz ciência de casos individuais, a História não pode ser ciência e sim uma simples arte. Mas, apenas como observação, devemos acrescentar que é altamente duvidoso que a arte vise o particular. O retrato de Gioconda não tem a finalidade de apresentar a figura de certa mulher, Fulana de Tal. A intenção do artista foi, aí dirigida para Conclue noutro local

Essas cortinas voavam o dia todo, e Mariazinha achou interessante enfeitá-las com rendas esquesitas para ficarem mais pesadas. A cortina era o meu amor. A renda, o ciúme de Mariazinha...

Virtudes humanas e divinas

João Antonio Neto

PRUDÊNCIA — Que é a Prudência para o Rico? — o cuidado de encher bem as salas de convidados barulhentos, de tal forma que, o ruído das festas abafe o grito dos miseráveis.

Que é a Prudência para o pobre? É o dever de servir ao rico, de tal forma que este não o faça mais pobre ainda.

JUSTIÇA Que é a Justiça para o Rico? O julgamento do dinheiro.

Que é a justiça para o Pobre? O dever de servir ao rico, para viver... mal.

FORTALEZA — Que é a Fortaleza para o Rico? A virtude de roubar o pobre, sem que este se possa defender.

Que é a Fortaleza para o pobre? A capacidade de resistir as arbitrariedades do rico.

TEMPERANÇA — Que é a Temperança para o Rico? Não existe.

Que é a Temperança para o Pobre? Pois não é disto que o pobre vive?.. **FÉ** — Que é a Fé para o rico? Um meio de estar de acordo com os freguezes religiosos.

Que é a Fé para o Pobre? Um meio de não ir para o inferno, se for um bom escravo.

ESPERANÇA — Que é a Esperança para o Rico? O desejo permanente de ficar mais rico ainda.

Que é a esperança para o Pobre? O pobre não espera pois quem dá é o rico.

CARIDADE — Que é a Ca-

ridade para o Rico? Um meio de ganhar popularidade.

Que é a caridade para o Pobre? A Vida.

POEMA

Glória P. de Barros

Amo-te! esta é a verdade, pura e sincera!

Amo-te, sem despeito e sem ressentimento.

O que certa vez me fizeste, querido,

Nem ao menos, por descuido, eu lembro.

Quero sentir-te junto a mim como outrora,

Fazendo-me ora sorrir, às vezes chorar.

Mas que me importa a vida? Antes morrer,

Se não me ouves, se não queres mais voltar!

Vem! que importa o mal que me fizeste?!...

Se a vida é ilusão e nada mais, é sempre igual...

Cada instante de amor é sonho eterno, doce enlévo

Que jamais, em tempo algum, a gente esquece...

Vem, querido, acalmar a dor terrível que invade

O coração e o tortura de loucos desejos...

Esquece tudo, amor! Ouve o que meu coração

[implora...]

Vamos recomeçar, construir tudo novamente...

Volta, amor, que a vida é nada mais que uma

[ilusão!...]

RETICÊNCIAS

Wladimir Dias Pino

Cidade Verde eu sinto em tuas ruas estreitas de província, o calor de um braço...

—:—

O sol serve-se da inutilidade (aparente) das núvens para deitar-se. Sol redondo, gordo que nem bola. Doirado. Grande burguês é esse sol!...

—:—

As flores vermelhas no

vaso (imovel), em primeiro lugar, é uma recusa...

—:—

As curvas das ondas (bocas esquesitas) beijam o riso do vento...

—:—

As tatuagens (quase eternas) seesticam, no adeus dos marinheiros.

—:—

Madrugada... e algumas estrêlas ébrias ainda estão pelo céu...

SAUDADE

M. E. Maranhão

Saudade do teu sorriso,
Dos teus lábios rubros,
Quando, sequiosos,
Procuravam os meus,
Quais lépidas mariposas
Que vageiam
À procura de luz...

Saudade da maciez
Da tua voz,
Quando dizias baixinho:
Quero-te muito! muito!..."
E uma doce esperança
Reflorescia todo o meu sêr...
Como um bando de pássaros,
Cujo chilrear estridente
Vibra a monótona noite
Sem luar...

Saudade dos teus olhos
De ébano, muito expressivos,
Que penetravam, com ousado poder
O solitário recanto
De minha alma,
Que exausta e sedenta pelo amor,
Se sentia saciada...
Como uma clareira cristalina
Mitiga a sede
Do viajor cansado...

Saudade daquela sombra amiga,
Daquele pinheiro antigo
Onde conversávamos a sós,
Nas radiosas tardes
Em que o sol despedia-se do dia,
Beijando a terra com seus raios multicores...
Uma brisa suave
Fazia fremir as trêmulas fôlhas dos coqueiros,
E um sabiá alegre
Cantava pertinho de nós...

Saudade dos teus ciúmes,
Dos teus queixumes,
Dos teus perfumes...
Saudade de tudo
Que havia entre nós!...

Alfaiataria Jacobina

— A Alfaiataria do Povo —

Para confecções finas, bom gosto e preços baixos
V. S. poderá dirigir-se à ALFAIATARIA JACO-
BINA, a que melhor corresponde aos seus modernos
desejos.

CUIABÁ—Rua Galdino Pimentel, 89 — M. — GROSSO

DOS NOVISSÍMOS

Morrer de Amor

José Antunes de Souza

Sôbre a mesa, um caixão coberto de flôres, e dentro o corpo de uma mulher deformada pela morte: essa ceifeira a que ninguém escapa.

Um homem, ainda moço, debruçado sôbre esse caixão parecendo atacado de alguma doença maligna, seus olhos com roxas olheiras e cismarentos, vagando pelo aposento, como um náufrago procurando abrigo no meio de uma tempestade em pleno mar.

Parecia mudo. mas passado um momento, começou a falar com a voz embargada pela emoção: "Hoje faz quatro anos que estamos casados e agora, a levam para nunca mais voltar!"

"Que pecado cometi eu, meu Deus. para merecer tão grande castigo?"

Entre soluços e lágrimas ele continuou:

"Conheci Clarisce há cinco anos atrás... Como aquele encontro me transformou, eu que era, um homem sensível ás afeições senti-me como se estivesse em presença de uma fada."

Seus olhos lângues me atraíam, como uma armadilha perigosa, mas quem poderia ficar insensível diante de tal força?"

Ficamos noivos, depois de três meses, depois de uma jura de amor, e prometendo tudo, até o impossível."

Encontravamo-nos na beira do riacho, e ali eram juras que não tinham fim, juras essas que pudemos transformar em

realidade por causa do amor que ardia em nosso peito."

"Casamo-nos, mais tarde, e como fomos felizes durante esses quatro anos de convivência e de compreensão mútua!"

"Não esperava que acontecesse assim: ela morta completamente morta, esperando que a levem para sua última morada, onde só ha silencio e nostalgia incompreensíveis."

E como louco, começou a falar atacado por violenta crise.

"Clarisce! Clarisce! Por que não me respondes? Oh! A morte fechou seus lindos olhos, os quais não têm mais brilho e não têm mais aquela mesma força de antigamente... Fecha seus lábios, para que não me diga adeus..."

Como foi má, a morte levando-a, como será ela boa levando-me a mim!...; Meu Deus que pecado tão grande tenho eu para convosco, que mereça este castigo tão atroz... Amar é pecado? Não, pois vós já amastes e só estes, e, quanto custa uma separação, entre duas pessoas que se amam."

"Porque má tiraste? Deve haver uma razão, a qual, eu como um simples homem, não compreendo..."

"Não aguento tão grande golpe! Sinto o coração esfacelado dentro do peito, falta-me o ar, estou a morrer!"

Obrigado, meu Deus, como sois misericordioso!, Tombou sôbre o cor-
Continua noutro local